

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 2010

BRUNA QUINTERO, UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo. Mestra em Arquitetura e Urbanismo (USJT), arquiteta e urbanista (USJT), ex-membra do Grupo de Pesquisa CNPq “Patrimônio Cultural e Urbanismo: discursos e práticas”.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2276-9163>

E-mail: brunaqvb@gmail.com

ANDRÉA DE OLIVEIRA TOURINHO, UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL

Arquiteta e urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP), *Magíster en Estética y Teoría de las Artes* (Universidad Autónoma de Madrid), Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: “Patrimônio Cultural e Urbanismo: discursos e práticas”. Docente da graduação e da pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da USJT.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9167-9762>

E-mail: andrea.tourinho@saojudas.br

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v18i35p39-68>

RECEBIDO

24/11/2021

APROVADO

17/04/2023

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 2010

BRUNA QUINTERO, ANDRÉA DE OLIVEIRA TOURINHO

RESUMO

Nas últimas décadas, tem se intensificado a busca pelo resgate e valorização da reconstrução da memória de grupos sociais silenciados frente aos valores dominantes da sociedade de períodos anteriores, a fim de que as suas vivências sejam reconhecidas enquanto narrativas que compõem a história social. A pesquisa apresentada neste artigo buscou, nessa direção, identificar espaços de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, no período compreendido entre o início do século XX e meados da década de 2010. Essa identificação fundamentou-se nas indicações espaciais constantes em referências bibliográficas sobre o tema, bem como em relatos de mídias diversas, que revelam a ocupação de áreas públicas e a apropriação de estabelecimentos de entretenimento noturno pelas referidas identidades. A partir disso, foram realizados os mapeamentos de lugares e deslocamentos espaciais das sociabilidades LGBTQIAP+, organizados por períodos históricos, com base em foto aérea do Google Earth, para a criação de uma base única de comparação. Foi possível constatar uma concentração persistente de lugares de sociabilidade no chamado Centro Histórico, com expansão a sudoeste, considerando o fácil acesso e a construção, no tempo, de um espaço simbólico de diversidade social e de resistência, contrapondo-se a uma quase inexistente apropriação de espaço nas regiões periféricas. Fica evidente, assim, a dicotomia de dinâmicas de ocupação entre essas regiões devido às suas diferentes atividades, usos e tipo de usuários.

PALAVRAS-CHAVE

Território. Memória social. Grupos sociais. Gênero.

LGBTQIAP+ SOCIABILITY SPACES IN THE CITY OF SÃO PAULO, BRAZIL, BETWEEN THE 1930S AND 2010S

BRUNA QUINTERO, ANDRÉA DE OLIVEIRA TOURINHO

ABSTRACT

In the last decades has intensified the search for the rescue and valorisation of the reconstruction of the memory of social groups silenced against the dominant values of society from previous periods so that their experiences are recognized as narratives that make up social history. The research presented in this article sought, in this direction, to identify sociability spaces of LGBTQIAP+ identities in São Paulo, between the beginning of the 20th century and the mid-2010s. This identification was based on spatial indications contained in bibliographical references about this subject and reports from various media, which reveal the occupation of public areas and the appropriation of night entertainment establishments by these identities. From this, the mapping of places and spatial displacements of LGBTQIAP+ sociabilities were realized, organized by historical periods, on aerial photos from Google Earth, to create a single comparison basis. It was, then, possible to observe a persistent concentration of sociability spaces in the so-called Historic Centre, with an expansion to the southwest, considering its easy access and the construction, over time, of a symbolic space of social diversity and resistance, in opposition to an almost non-existent appropriation of space in peripheral regions. Thus, the occupation dichotomy between these regions is evident due to their different activities, uses and type of users.

KEYWORDS

Territory. Social memory. Social groups. Gender.

1 INTRODUÇÃO

Os espaços urbanos são marcados pela presença de indivíduos ou grupos e podem se tornar, por meio do encontro entre pessoas, lugares de sociabilidade; “o grupo transforma o espaço à sua imagem e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 132). Em outro sentido, esses indivíduos ou grupos são também marcados por esses lugares, por meio da memória; “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (HALBWACHS, 1990, p. 143). Esses processos estão na base da construção da identidade, tanto individual quanto coletiva, e se relacionam com os sentidos de pertença de um indivíduo ou grupo a uma sociedade ou cultura, por meio do compartilhamento de significados, símbolos, histórias de vida, entre outros elos. Por outro lado, as contribuições dos indivíduos ou grupos na construção da cidade são essenciais para a conformação de identidades urbanas, pois são as práticas culturais que conferem significados aos assentamentos humanos. Considerando os indivíduos e os grupos como atores sociais (BOURDIEU, 1983), a relação entre estes e o espaço urbano é complexa e comporta interfaces, conflitos, disputas ou mesmo conciliações, provocando, por vezes, apropriações muito características de certos trechos da cidade, ainda que não exclusivas do ponto de vista de seus usuários.

Nessa direção, podemos entender a presença de distintas identidades LGBTQIAP+¹ na cidade de São Paulo que se inscrevem e permanecem em territórios específicos da urbe. Resultado de um processo longo, mais notadamente desde o início do século XX, quando a consciência acerca dessas letras era certamente menor.² Apesar dessa presença constante frente ao silenciamento imposto às suas práticas por uma sociedade conservadora e preconceituosa, a trajetória dessas identidades foi conduzida durante muito tempo pelas narrativas dominantes das elites socioculturais. Com o objetivo de contribuir para o resgate de uma memória que tem sido, mais recentemente, restabelecida, reivindicada e estudada, o artigo pretende apresentar parte da trajetória LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo por meio do mapeamento de seus lugares de sociabilidade ao longo do século XX e início do XXI, entre as décadas de 1930 e 2010.

Da passagem do gueto, no início do século XX, ao “mercado segmentado de bens e serviços”, a partir da década de 90 (FRANÇA, 2006, p. 2), é possível verificar e analisar o circuito de lazer e sociabilidade LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo:

Na década de 1990, o que se conhecia como o “gueto” transformou-se num mercado mais sólido, expandindo-se de uma base territorial mais ou menos definida para uma pluralidade de iniciativas, incluindo um circuito de casas noturnas, a exemplo do mais circunscrito “gueto” de outrora, mas envolvendo também o estabelecimento de uma mídia segmentada, festivais de cinema, agências de turismo, livrarias, canal

1. De utilização recente e resultado de uma construção histórica, a sigla LGBTQIAP+ foi adotada, neste artigo, devido à sua maior abrangência em relação ao contexto histórico abordado, fazendo referência a indivíduos cuja identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico ou orientação sexual e/ou amorosa não se conformam aos padrões cis-heteronormativos, ou seja, àqueles que validam e incentivam apenas comportamentos associados à expressão e à identidade de gênero relacionadas ao gênero designado no momento do nascimento, dentro do binário masculino-feminino e da heteronormatividade. A sigla abrange lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, *queer gender* ou não binários, intersexuais, assexuais e/ou aromânticas/os e pansexuais e/ou poliamorosas/os, sem o intuito de invalidar outras identidades que fiquem fora dessa versão da sigla, representadas pelo sinal “+”.

2. Evidentemente, esta sigla reúne vários sujeitos com diferentes subjetividades e que se apropriam, de distintas maneiras, do espaço urbano e, em especial, de seus lugares de sociabilidade. Além disso, essa sigla é resultado de uma construção histórica que foi, inclusive, acrescentando letras com o tempo. A sigla foi adotada, neste artigo, por sua abrangência, e apenas quando se pretende fazer alguma referência genérica ao conjunto das distintas identidades que têm em comum a não conformação aos padrões cisheteronormativos. Nos trabalhos citados, bem como nos mapeamentos realizados, são indicadas as identidades com presenças predominantes em certos trechos da cidade, em dado momento histórico, buscando evitar anacronismos terminológicos.

a cabo, inúmeros sites, lojas de roupas, e até mesmo pet shops, entre outros. Também surge nessa época a categoria GLS [Gays, Lésbicas, Simpatizantes], para definir esse mercado. (FRANÇA, 2006, p. 2)

Nos últimos anos, muitos estudos sobre essas temáticas têm sido realizados no campo das Ciências Sociais e da Antropologia, em especial, sobretudo por meio de pesquisas etnográficas, que têm oferecido uma contribuição relevante para a constituição de uma perspectiva antropológica sobre sexualidade, identidades e territorialidades (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014). O antropólogo social Marcelo Perilo (2017), por exemplo, mostra como adolescentes e jovens com condutas homo ou bissexuais, moradores da periferia popular, se comportam de formas bastante distintas em lugares de sociabilidade periféricos e centrais nas cidades de São Paulo e Barretos. Diferenças que se revelam na forma de se vestir ou mesmo em um comportamento mais associado a signos referente à expressão de gênero feminino no centro, ao contrário da periferia. Lugares que, contudo, sofrem de outros tipos de estratificação, como observaram Carvalho-Silva e Schilling (2010), ao explorar o papel das diferenças de classe e de origem entre os usuários – jovens homossexuais – daqueles espaços.

Na linha das pesquisas etnográficas, é importante mencionar, ainda, o interesse e valor de documentários, como os de Steffen (2012 e 2013), que revelam a pertinência de outras fontes para a coleta de relatos acerca das vivências LGBTQIAP+. No caso em tela, o da própria voz, que não é outra coisa que o reconhecimento da legitimidade do lugar de fala de cidadãos historicamente excluídos. Esse trabalho recupera memórias sobre a chamada de noite *gay* de São Paulo nos últimos 100 anos. Fica evidente nos estudos mencionados que a presença de diferentes grupos nos ambientes LGBTQIAP+ afeta também a sociabilidade nas áreas centrais como um todo, criando “subáreas” que adquirem significados diferentes devido, por exemplo, à capacidade de consumo de seus frequentadores, como observa Puccinelli (2017). A predominância da área central no imaginário (e nos estudos sobre o ambiente) LGBTQIAP+ revela a persistência dos lugares de encontro nessa parte da cidade de São Paulo (FRANÇA, 2007; PERLONGHER, 1987). Contudo, há poucos mapeamentos desses territórios,³ com a finalidade de registrar e analisar a sua concentração e deslocamentos.

3. Giovani (2018) seria um bom exemplo desses poucos trabalhos.

Dessa forma, verifica-se que, embora essas temáticas venham sendo melhor compreendidas, debatidas e assimiladas na contemporaneidade, ainda há, no campo da Arquitetura e Urbanismo, muito a observar, analisar e inventariar acerca das identidades LGBTQIAP+, principalmente em sua relação com o espaço urbano, através, justamente, dos lugares de sociabilidade. Nesse sentido, este artigo pretende contribuir, justamente, com uma das lacunas desses estudos no que se refere ao registro dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+, bem como à análise de seus deslocamentos na cidade de São Paulo, a partir de uma perspectiva espacial e histórica⁴. Permanência e movimento são dois aspectos que esse registro revela, desde a invisibilidade dos guetos até a crescente visibilidade LGBTQIAP+ no espaço público a partir da década de 1990. O mapeamento desses lugares foi realizado a partir da coleta de informações e pesquisa sobre a sociabilidade desenvolvida nas áreas públicas e estabelecimentos de entretenimento noturno direcionados a usuários LGBTQIAP+, ou por eles frequentados. Esses lugares foram catalogados por endereço ou localidade aproximada, indicados em fontes bibliográficas, documentários e em periódicos *on-line* e *sites* especializados. Os distritos referenciados estão de acordo com o sistema de mapeamento digital GeoSampa, gerenciado pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL) da Prefeitura da Cidade de São Paulo, e os mapeamentos produzidos usam como base mapas históricos disponíveis no portal supracitado e imagens aéreas do *software* Google Earth. As informações foram reunidas por períodos, em um sistema de codificação de cores pelas décadas destacadas.

Os resultados desses mapeamentos foram analisados a partir de conceitos da Antropologia Urbana, adotados em pesquisas sobre práticas de sociabilidade, que relacionam seus atores aos lugares em que se desenvolvem. São categorias de análise socioterritorial desenvolvidas em pesquisas colaborativas coordenadas pelo professor José Guilherme Magnani, do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP); são utilizadas as categorias de “mancha” e “pedaço”. A “mancha” se refere a territórios de amplo e fácil acesso, permitindo a sua ocupação por usuários

4. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

heterogêneos, que usufruem da concentração de equipamentos para exercer sua sociabilidade. Ela se orienta por pontos de referência reconhecíveis da paisagem urbana. Nessa categoria, não se estabelecem vínculos entre os frequentadores. Já o “pedaço” é um território de fronteiras bem definidas por meio da estabilidade e fidelidade das relações recorrentes entre seus usuários no dia a dia, sendo, assim, demarcadas por códigos estabelecidos por esses usuários. Essa categoria está mais relacionada às dinâmicas de vizinhança, mas pode ocorrer em outros contextos, como quando frequentadores de um território não se conhecem, mas se reconhecem como pertencentes do “pedaço” por meio de códigos comportamentais que identificam grupos sociais (MAGNANI, 1992; 1998).

2 INÍCIO DO SÉCULO XX – ÀS MARGENS

Na década de 1930, a cidade de São Paulo se consolidou como polo industrial e a área do chamado Centro Histórico (constituído pelos distritos Sé e República) passou a concentrar as principais atividades econômicas (comércio e serviço), infraestrutura urbana, equipamentos culturais (como o Teatro Municipal, na praça Ramos de Azevedo) e parques urbanos da cidade, acentuando-se o seu caráter de região de fácil acesso e de notoriedade na paisagem urbana. Essa facilidade de transporte para a região possibilitou novas dinâmicas de ocupação dos espaços públicos por usuários variados, principalmente no Vale do Anhangabaú. O local se tornou notório ponto de uma incipiente sociabilidade masculina, “missexual”, direcionada, majoritariamente, a encontros sexuais possibilitados pelos cinemas e hotéis de baixo custo do entorno. Sociabilidades similares se desenvolveram na praça da República, na Rua Barão de Itapetininga, na Praça da Luz e na Estação da Luz – os dois últimos, no distrito adjacente do Bom Retiro (Figura 1) (GREEN, 2000; SILVA, 1950). A identificação desse fenômeno levou à adoção, por volta da década de 1940, do termo “missexualidade” para definir indivíduos que mantinham relações sexuais com indivíduos do mesmo sexo (referindo-se à identidade de gênero e gênero designado no nascimento). O conceito foi usado em estudos da Medicina e Criminologia que tentavam relacionar comportamentos não cisheteronormativos com supostos desvios endocrinológicos, demonstrando a influência de preceitos sociais preconceituosos e excludentes nessas epistemologias. Muitos desses

estudos listavam missexuais que moravam e trabalhavam na região do Centro Histórico (DOMINGUES, 2021; GREEN, 2000). Esse foi o início da consolidação da resiliente sociabilidade que atualmente pode ser considerada LGBTQTIAP+ no Centro Histórico de São Paulo.

Figura 1

Mapeamento dos lugares de sociabilidade homossexual masculina no Centro Histórico de São Paulo, década de 1930. Fonte: elaborado pelas autoras sobre mapa SARA Brasil de 1930. GeoSampa (2023).



3 DÉCADA DE 1950 – AMPLIAÇÃO DOS CIRCUITOS

Na década de 1950, essa sociabilidade passou a desenvolver-se, também, nas avenidas São Luís e Duque de Caxias, no Centro Histórico. Alguns bares começaram a fazer parte do percurso, mesmo sem se dedicar especificamente a esse público, como os estabelecimentos no entorno da atual Praça Dom José Gaspar: Barbazul, Arpege, Cremerie, Turist e Paribar. O mesmo

valia para outros bares também não direcionados a esse público, mas por ele frequentados: Jeca, Brahma, Nicky Bar, café Mocambo e Casa de Chá Vienense. Um dos únicos pontos voltados à sociabilidade homossexual feminina ficava na Praça Júlio Mesquita (AKAMINE, s.d.; SÃO PAULO..., 2013; PERLONGHER, 1987; SILVA, 1959).

Havia percursos pelas ruas da região direcionados ao flerte por meio de olhares significativos e de signos entre os “entendidos”, prática chamada de *footing*⁵: o “*grand tour*”⁶ era formado pelas ruas Barão de Itapetininga, 24 de Maio e pela lateral do Teatro Municipal; o “*petit tour*”⁷ era formado pelo quarteirão da Rua Sete de Abril, entre a Rua Marconi e a Rua Dom José de Barros (SÃO PAULO..., 2013). Os encontros sexuais comumente aconteciam nos cinemas de rua das avenidas Ipiranga e São João, região conhecida como “cinelândia paulistana”, como no Oásis, Barão, Art-Palácio, Windsor, Marabá, Ipiranga, Cairo, Pedro II, Santa Helena, Cinemundi e Metrôpole (Figura 2) (GARCIA, 2017; GREEN, 2000).

A predileção pelos cinemas se dava pela amplitude das salas de exibição, assim como pelos banheiros, o que garantia certa privacidade, mas também por outros fatores, como a não aceitação desses usuários nos hotéis da região e a impossibilidade de levar parceiros para suas residências (SÃO PAULO..., 2013; SILVA, 1959). Outras áreas públicas que passaram a integrar a sociabilidade majoritariamente homossexual masculina foram as praças da Sé, Clóvis Beviláqua, Doutor João Mendes e Ramos de Azevedo e largos do Arouche e do Paissandu (SILVA, 1959). O trabalho sexual chegava a fazer parte dessas dinâmicas, tendo como referência, à época, a praça da República (REDE PAULISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 2019).

Na virada dessa década, ficaram famosas as artistas performistas, predecessoras das transformistas e *drag queens*⁸, geralmente homens que apresentavam performances artísticas baseadas em figurinos e comportamentos tipicamente relacionados à expressão de gênero feminino (SÃO PAULO..., 2013).

5. Do inglês, a pé, em livre tradução.

6. Do francês, grande circuito, em livre tradução.

7. Do francês, pequeno circuito, em livre tradução.

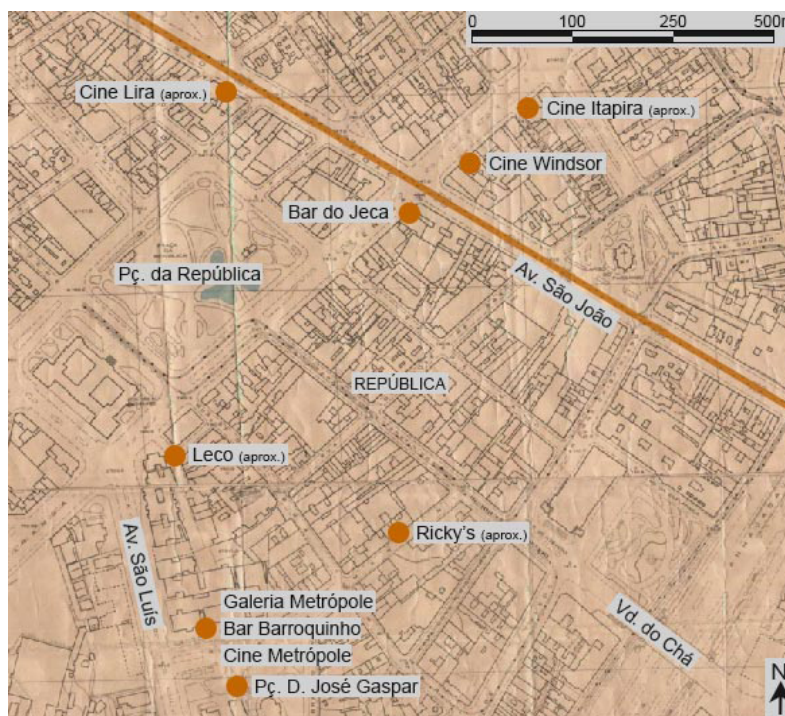
8. As *drag queens* são artistas performáticas que seguem a tradição das performistas e transformistas, mas com influência estadunidense, em *shows* que contam com dublagem de músicas.

Ricky's e Intend's, também não direcionados exclusivamente a esse público, mas por ele frequentados (PERLONGHER, 1987; SÃO PAULO..., 2013).

Essa região da área central da cidade, principalmente o distrito da Consolação, criava um ambiente acolhedor ao lazer devido a ampla oferta de equipamentos e eventos culturais que a movimentavam, principalmente à noite, proporcionando segurança e fazendo da área um importante ponto de manifestação cultural na virada da década. As apresentações das artistas transformistas faziam parte dessas dinâmicas culturais, como sucessoras das performistas, que uniam dança, canto, comédia e interação com o público (SÃO PAULO..., 2013). Mesmo que o trabalho sexual das prostitutas e michês e a sociabilidade homossexual não fossem codependentes, algumas práticas sexuais e de flerte se sobrepunham (PERLONGHER, 1987). Na década de 1960, os michês atuavam na Av. São João entre o cinema Itapira (ao lado do bar do Jeca) e o cinema Lira, bem como nas saunas, as quais se desenvolveram como locais propícios para encontros sexuais por serem ambientes bem resguardados e pouco conhecidos pelo público geral (Figura 3) (SÃO PAULO..., 2013).

Figura 3

Mapeamento dos lugares de sociabilidade homossexual na década de 1960 na cidade de São Paulo. Fonte: elaborado pelas autoras sobre mapa VASP Cruzeiro de 1954. GeoSampa (2023).



5 DÉCADA DE 1970 – AS BOATES ENTRAM NO CIRCUITO

Na década de 1970, as boates se popularizaram – uma das primeiras foi a Nighting, no Centro Histórico, estabelecendo-se predominantemente na região sudoeste da cidade, iniciando pela Sallon e Hi-Fi, na Rua Augusta (Figura 4) (SÃO PAULO..., 2013; PERLONGHER, 1987). Em 1971, Fernando Simões e Elisa Mascáro, reconhecidos empresários do ramo, fecharam o restaurante boate K-7, na esquina da Rua Bela Cintra com Alameda Santos, e inauguraram o Medieval, na Rua Augusta (próximo à Av. Paulista), uma das mais importantes casas noturnas das décadas de 1970 e 1980. Conhecido então como um *dancing⁹ gay*, foi um importante ponto não apenas de sociabilidade, mas de trabalho, pois suas artistas transformistas (na tradição das performistas) travestis e transexuais eram aclamadas pelo público geral como “as divas do Medieval” e trabalhavam sob ótimas condições empregatícias. No mesmo ano, Condessa Mônica, outra reconhecida empresária do ramo e travesti, inaugurou na Rua da Consolação (próximo à Av. Paulista) a boate Nostro Mundo, também com apresentações de transformistas (algumas partilhadas com o Medieval) aclamadas por sua marcante vivacidade e interação com o público, que contou também com matinês para um público menor de idade. Tornou-se um dos estabelecimentos mais importantes e o mais longevo da cidade, fechando em 2014, e tendo sido outro importante ponto de trabalho para travestis e transexuais (SÃO PAULO..., 2013).

O *footing* foi substituído pelo passeio de carro no novo percurso denominado Autorama, entre a Galeria Metrópole e o Teatro Municipal (Figura 4). Durante a ditadura militar, a sociabilidade homossexual deixou a área da Galeria Metrópole devido à repressão policial, e, inicialmente, deslocou-se para a Rua Nestor Pestana. Com novo ciclo repressivo, dispersou-se e moveu-se para o Largo do Arouche e Rua Vieira de Carvalho (Figura 4) (PERLONGHER, 1987). A sociabilidade se apropriou de novos estabelecimentos, dessa vez, voltados aos usuários de práticas homossexuais: Gay Club, entre as ruas Santo Antônio e Treze de Maio; Man’s Country na Rua Santa Isabel; Batuk Bar, na Rua Doutor Frederico Steidel, próximo ao largo do Arouche; Roleta, na Rua Rego Freitas; Pica-Pau, no Largo do Arouche; Val Improviso, na Rua Dr. Frederico Steidel (um dos primeiros do

9. Do inglês, discoteca, em livre tradução.

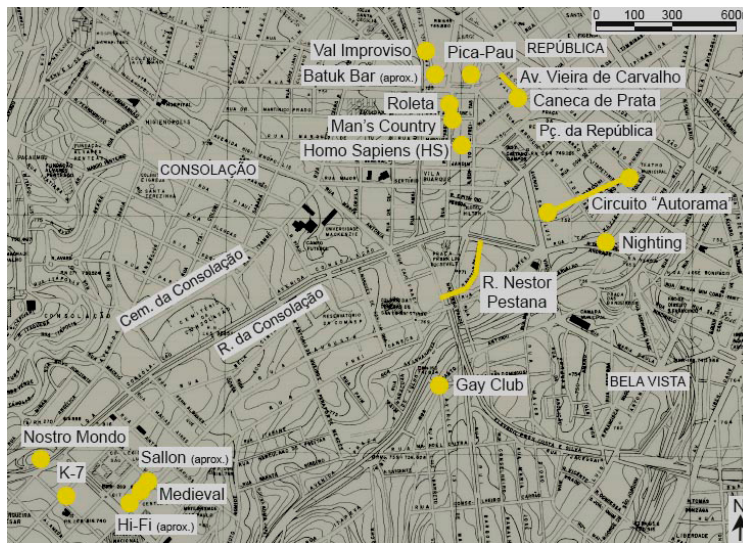
tipo “infernhinho¹⁰”) e Dinossaurus (voltado às lésbicas) (Figura 4). Ainda, eram frequentados os bares Cowboy, 266 West e o Cine Bristol. O Caneca de Prata, na Rua Vieira de Carvalho, mesmo não sendo direcionado para esse público, também era por ele frequentado (Figura 4) (SÃO PAULO..., 2013).

Figura 4

Mapeamento dos lugares de sociabilidade homossexual na década de 1970 na cidade de São Paulo.

Fonte: elaborado pelas autoras sobre Levantamento Planialtimétrico da Região Metropolitana de São Paulo – 1972-1973.

EMPLASA (2023).



A boate Homo Sapiens (HS), inaugurada em 1978 na Rua Marquês de Itu, foi uma das mais importantes da área central da cidade, com *shows* de *drag queens* internacionalmente famosas, e a própria ocupação da sua calçada era um evento social em si. Essa ocupação livre do espaço público foi a motivação principal das “operações de limpeza urbana” durante a ditadura militar, direcionadas a indivíduos de práticas e comportamentos não cis-heteronormativos. Pretendiam expurgá-los da área central por meio de repressão policial agressiva e aprisionamento sistemático. As operações eram organizadas, no início da

10. Estabelecimentos de entretenimento noturno com instalações de baixa qualidade e propícios para atividades sexuais.

década de 1980, pelo delegado Wilson Richetti, chefe da Seccional da Polícia da Zona Central durante a gestão do governador do estado Paulo Maluf. Era comum que o delegado colocasse carros policiais diretamente na porta da Homo Sapiens para prender seus frequentadores assim que saíssem no final da noite, mas sem nunca atuar dentro do local (SÃO PAULO..., 2013).

6 DÉCADA DE 1980 – MEMÓRIAS DIFÍCEIS

As operações de limpeza social funcionavam por meio de sistemáticas abordagens truculentas e prisões arbitrárias de frequentadores da área central da cidade em lugares de reconhecida presença de homossexuais, travestis e artistas transformistas, e que também fossem pontos de trabalho sexual. Pretendia-se, por parte das forças de segurança pública, expurgar a área dessas presenças, o que marcou várias áreas públicas como locais de memória difícil. O Largo do Arouche foi foco principal dessas operações por ser um dos mais importantes pontos de sociabilidade e trabalho homossexual e travesti à época, e que se perpetua até a atualidade. Sempre foi comum a presença de usuários diversos no local, assim como nos bares da Av. Vieira de Carvalho e Rua Bento Freitas (no sentido sul do Largo do Arouche) e nos pontos de prostituição majoritariamente feminina (cisgênero, travesti e transexual) das ruas Rego Freitas e da Vitória (no sentido sudeste). As operações de Richetti foram apoiadas pelos moradores e comerciantes do Largo do Arouche e fizeram com que os espaços de sociabilidade de usuários de práticas homossexuais recusassem, concentrando-se na Rua Marquês de Itu, entre as ruas Bento Freitas e Rego Freitas (no sentido sul) (COMISSÃO..., 2015; PERLONGHER, 1987).

No sentido noroeste do Largo do Arouche, situava-se a região conhecida como Boca do Lixo, delimitada pelas avenidas São João e Duque de Caxias e ruas dos Timbiras e dos Protestantes. Foi um antigo polo de produção do cinema nacional entre as décadas de 1920 e 1980 até o êxodo da atividade, quando se tornou ponto de prostituição e consumo de drogas. Estende-se atualmente aos “inferninhos” da Rua Aurora e aos cinemas da Av. Rio Branco, lugares de práticas sexuais (BARROS; LOPES, 2004). No sentido sudoeste do Largo, localizava-se a região da Boca do Luxo, que compreendia, na mesma época a Av. Vieira de Carvalho e Rua Amaral Gurgel, desenvolvendo-se no sentido da Rua da Consolação. Era assim designada justamente pela diferença de padrão de consumo (público e estabelecimentos) em relação à

Boca do Lixo. O Largo do Arouche as separava, apartando, assim também, as dinâmicas das zonas central e oeste da cidade (PERLONGHER, 1987).

Em respostas às operações de limpeza social, grupos organizados de *gays*, lésbicas, negros e estudantes se reuniram nas escadarias do Teatro Municipal no dia 13 de julho de 1980 em ato público de repúdio que, partindo desse local, formou uma passeata que percorreu a Av. São João até chegar ao Largo do Arouche. Houve amplo apoio das prostitutas mulheres cisgênero, mulheres cisgênero e transexuais, assim como travestis, a quem o ato também defendia, e, em contraponto, intensa desaprovação de muitos moradores e comerciantes do Largo do Arouche. O evento é considerado uma das primeiras manifestações públicas em prol dos direitos LGBTQIAP+ no Brasil (COMISSÃO..., 2015; SÃO PAULO..., 2013; PERLONGHER, 1987).

Nesse mesmo ano, a Operação Sapatão, de Richetti, prendeu lésbicas nos bares Cachaça, Bixiguiha e Ferro's. O Ferro's Bar, na Rua Martinho Prado, era frequentado por lésbicas, mas não direcionado a elas, e, em 23 de julho de 1983, o desagrado da administração com sua presença ocasionou a tentativa de expulsão de várias frequentadoras que vendiam, no local, o periódico lésbico-feminista *Chanacomchana*. Dias depois, elas organizaram um ato de repúdio e reivindicação de permanência no bar, que contou com apoio de políticos e da imprensa. O ato ficou conhecido como o “pequeno Stonewall¹¹ brasileiro” (Figura 5) (MARTINHO, 2019; PERLONGHER, 1987).

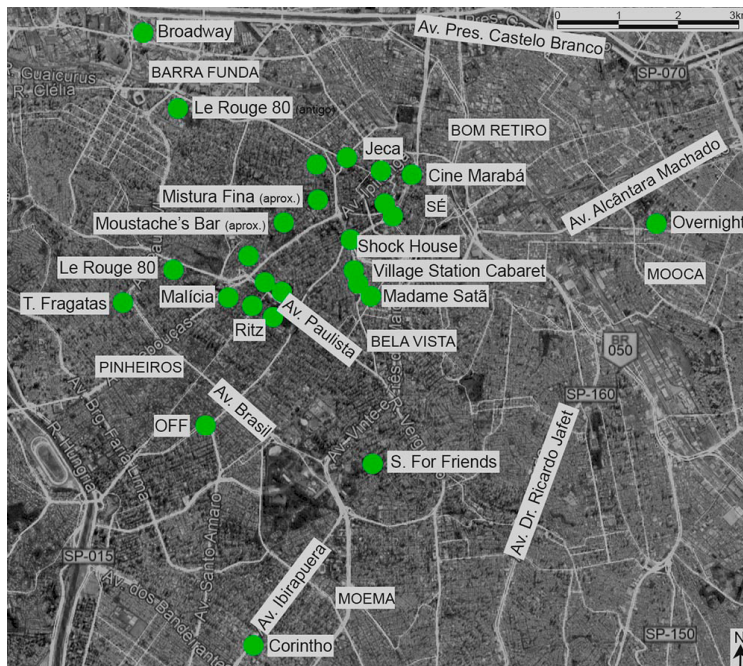
Ao longo da década, surgiram novos estabelecimentos direcionados ao público de práticas homossexuais na zona oeste da cidade, principalmente na região dos Jardins, na Av. Nove de Julho e no bairro do Butantã. Estavam voltados a consumidores de maior poder aquisitivo que não frequentavam a região do Centro Histórico, evidenciando o início de uma marcante segregação de padrão econômico entre esses grupos. Um dos primeiros a se estabelecer na zona oeste foi o OFF, na Rua Romilda Margarita Gabriel, entre 1979 e 1986. A Corinto, inaugurada em 1985 na Av. dos Imarés, próximo ao *Shopping Ibirapuera*, foi outro importante estabelecimento da região, aberto por Elisa Mascáro após

11. A Revolta de Stonewall consistiu em uma série de atos públicos contra a repressão policial sobre as identidades LGBTQIAP+ após a invasão no bar homônimo no bairro de Greenwich Village, em Nova Iorque, Estados Unidos, com figuras centrais como mulheres transexuais lésbicas e negras. O ato do dia 28 de julho de 1969 serviu de inspiração para o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAP+ (LORENZO, 2019).

o fechamento do Medieval e seguindo o mesmo padrão de espetáculos com artistas travestis e transexuais. Entre outros estabelecimentos de grande importância, pode-se citar: Village Station Cabaret, na Rua Rui Barbosa; Colorido, na Av. Brigadeiro Luís Antônio; Mistura Fina, na Rua Major Sertório; Malícia, na Rua da Consolação; Nation Disco Club, na Rua Augusta; Ritz, na Alameda Franca; e o bar Jeca. Foram inaugurados mais estabelecimentos voltados às lésbicas e geridos por elas, como: Shock House, na Rua Rui Barbosa; Feitiço's, no distrito da Vila Olímpia; Bug House, na região do Baixo Augusta; e Moustache's Bar, atrás do Cemitério da Consolação. Ainda no Centro Histórico, o Madame Satã, na Rua Conselheiro Ramalho, foi importante ponto de produção e divulgação de mídia de contracultura no período de maior liberdade de expressão no pós-ditadura militar (Figura 5) (ENCICLOPÉDIA ITAÚ..., 2017; SÃO PAULO..., 2013). Alguns estabelecimentos localizavam-se além dessas áreas já consolidadas: Overnight, na Rua Juvenal Parada, no distrito da Mooca, zona leste (região periférica da cidade), e Broadway, na Av. Marquês de São Vicente, no distrito da Barra Funda, ainda em funcionamento e considerada uma das maiores boates LGBTQIAP+ da América do Sul (Figura 5) (SÃO PAULO..., 2013).

Figura 5

Mapeamento dos lugares de sociabilidade de práticas homossexuais e de travestis na década de 1980 na cidade de São Paulo – alguns nomes foram ocultados para clareza de leitura. Fonte: Elaborado pelas autoras sobre foto aérea de Google Earth (2023).



Algumas áreas públicas serviam de pontos de encontro para homens interessados em práticas sexuais com outros homens, como o quarteirão do Colégio Dante Alighieri, entre a Rua Peixoto Gomide e as alamedas Itu, Jaú e Casa Branca, até a proliferação de estabelecimentos voltados a essas práticas em suas imediações (CYMBALISTA, 2019). Fora da área central da cidade, esses encontros também aconteciam no Parque Estadual Alberto Löfgren, conhecido como Horto Florestal, na zona norte, área periférica da cidade (TRINDADE, 2004). As saunas também concentravam, e ainda concentram, a busca por esse tipo de atividade íntima, tanto como estabelecimentos de melhor infraestrutura, que atraíam todo tipo de homens que fazem sexo com homens (HSH), *gays* assumidos ou não, como as Termas Arouche, na República; Termas Ipanema, na Bela Vista; Termas Danny, em Santa Cecília; Termas for Friends e Bel Ami, no distrito da Vila Mariana; e Le Rouge 80 (hoje no Jardim Paulista). Também concentravam pontos de trabalho dos michês, como a Termas Fragatas, inaugurada em 1980 no distrito de Pinheiros, e a Termas Lagoa, inaugurada em 1982 no distrito da Consolação. Havia uma sauna no distrito de Guaianazes, zona leste (área periférica da cidade), que chegou a articular encontros de adultos com adolescentes (FRACCAROLI, 2019; TRINDADE, 2004). Outros pontos do tipo incluíam os cinemas de rua que, nessa época, passaram a visar ao mercado pornográfico, atraindo a mesma variedade de HSH (TRINDADE, 2004). Encontros sexuais continuavam acontecendo, portanto, nos cinemas, alguns já citados, dentre eles: Bristol, Liberty e Belas Artes, na região da Av. Paulista, cines Ipiranga, Marabá, Metrópole e Arouche, na República (FRACCAROLI, 2019).

Na década de 1980, portanto, percebe-se o surgimento dos primeiros estabelecimentos (e não apenas áreas públicas) que atraíam a sociabilidade de usuários de práticas homossexuais fora das áreas centrais da cidade de São Paulo, mesmo que ainda poucos e esparsos.

Depois de um período de ampliação da sociabilidade e quebras de paradigmas de gênero e sexualidade, a virada da década foi profundamente impactada pela epidemia do HIV/AIDS, que afetou principalmente *gays*, homens que fazem sexo com homens, travestis e transexuais, recrudescendo preconceitos e hostilidades direcionados a esses indivíduos, suas dinâmicas e identidades.

7 DÉCADA DE 1990 – REVIVAL¹²

Ao longo da década de 1990, os esforços de grupos organizados de *gays*, transexuais, travestis e soropositivos junto a organizações não governamentais (ONGs), a entidades da saúde pública e programas governamentais, para difundir informações acerca da epidemia do HIV/AIDS, contribuíram para controlar a sua disseminação e combater, em grande medida, seus estigmas. Foi possível abrir diálogos mais amplos sobre a luta dessas identidades por visibilidade e quebra de preconceitos, principalmente em relação às travestis e transexuais (VERGILI; BRASIL; CAPELLA, 2015).

Como consequência do recrudescimento de preconceitos trazidos pela epidemia, porém, houve ampla decadência de estabelecimentos de entretenimento noturno voltados ao que pode se considerar hoje como o público LGBT. Nesse cenário, várias culturas urbanas se mesclaram e ganharam visibilidade. Espaços voltados à música *rock* ganharam importância, como o Madame Satã; Napalm; Rose BomBom, na Rua Oscar Freire; Radar Tantã, na Rua Sólon; Dama Xoc, na Rua Butantã; e Espaço Retrô, primeiro na Rua Frederico Abranches e depois na Rua Fortunato. A cultura urbana *clubber*, relacionada à música eletrônica, foi popularizada no início da década, alterando o estilo de entretenimento noturno na cidade, com novas casas de *show* que perduraram pelas décadas seguintes, sendo uma das primeiras a Nation, na Rua Augusta, que funcionou até 2017. Ainda, as artistas *drag queens* se popularizam não apenas nesse tipo de estabelecimento, mas também nas mídias convencionais (STEFFEN, 2017).

Com o tempo, houve a retomada da sociabilidade do público de práticas homossexuais (masculino e feminino), tanto em estabelecimentos a ele direcionados, como de público misto, contando com alguns lugares já frequentados em décadas anteriores¹³: na zona central, havia cinco estabelecimentos no distrito

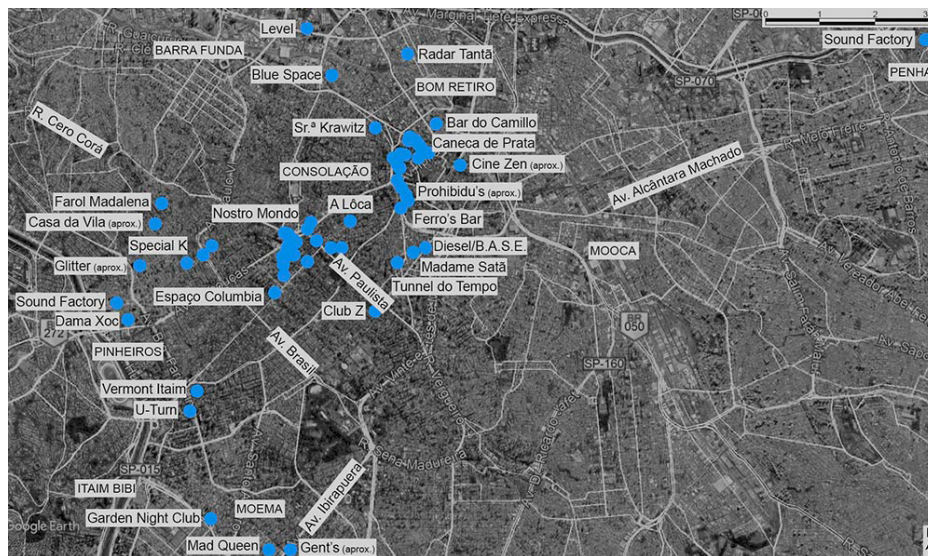
12. Do inglês, renascimento, em livre tradução.

13. Danger Dance Club, Bar do Camillo, Habeas Copus, Caneca de Prata, Vermont (unidades República e Itaim Bibi), Vermont Bear/Café Vermont, Nova Vieira, Lord Byron Pub Bar, Rainha Vitória, Bar Xereta, Xeque Mate, Corsário, Chico's Bar, Ferro's Bar, Prohibidu's (sucedida pelo Club Bleckaute), Nostro Mundo, Burguer and Beer, Rave, 266 West, Chopp Escuro, American Graffith (antiga HS), Sky, Bar Eros, Red Point, Sr.ª Krawitz, Massivo, Bar Catô, Pride, Hertz, Embaixada Mineira, Director's Gourmet, So-Go, Bar Drummond, Club Z, Diesel/B.A.S.E., Espaço Columbia, Boate Bloom, Pitomba, Allegro, Latino, Disco Fever, Bar du Bocage, Cube/Orbit, Fran's Café (unidade rua Haddock Lobo), Spot, Glitter, Boate Ipsi's, Farol Madalena, Sound Factory, Garden Night Club, U-Turn, Casa da Vila, Mad Queen, Gent's, Tunnel do Tempo, Manga Rosa, Level, A Lôca e Blue Space (ANTUNES, 2007; CYMBALISTA, 2019; STEFFEN, 2017; TRINDADE, 2004).

da Bela Vista, um no Bom Retiro, 12 na Consolação, 16 na República e dois na Santa Cecília; na zona oeste, dois na Barra Funda, 19 no Jardim Paulista, cinco em Pinheiros e um na Vila Madalena; na zona leste, um na Penha; e na zona sul, três no Itaim Bibi e três em Moema (Figura 6) (ANTUNES, 2007; CYMBALISTA, 2019; STEFFEN, 2017; TRINDADE, 2004). Entre esses, alguns se destacam, como o Massivo, na Alameda Itu, famoso na mídia convencional por unir músicas da década de 1970 com tendências contemporâneas; A Lôca, na Rua Frei Caneca, pelas festas de *rock* em horários alternativos; e a Blue Space, na Rua Brigadeiro Galvão, pela variedade e grandiosidade das festas, sendo a segunda mais longeva da cidade, ativa desde 1996 (Figura 6) (STEFFEN, 2017).

Figura 6

Mapeamento dos lugares de sociabilidade GLS/LGBT na década de 1990 na cidade de São Paulo – alguns nomes foram ocultados para clareza de leitura. Fonte: elaborado pelas autoras sobre foto aérea de Google Earth (2020).



A ampliação dessa sociabilidade está ligada à criação do termo GLS, ou *gays*, lésbicas e simpatizantes, que passou a se referir tanto a esses usuários como aos lugares que recebiam não apenas homossexuais, mas também outros indivíduos que participavam de sua sociabilidade sem se identificar como tal, criando um novo tipo de mercado consumidor mais amplo

(FRANÇA, 2007). Excluía, contudo, travestis e transexuais, na infame prática persistente por décadas de barrar sua entrada em certos estabelecimentos devido à sua identidade e expressão de gênero.

Houve uma multiplicação de estabelecimentos com *dark rooms*¹⁴ ou espaços análogos, que atraíam principalmente o público HSH, mesmo em lugares não direcionados apenas a eles, como no Special K, na Rua Cardeal Arcoverde; durante o carnaval, no Clube Floresta, e na festa Carnaval do Basfond, que acontecia sazonalmente em um galpão no distrito de Pinheiros. No tocante aos encontros sexuais, os cinemas continuaram, na década de 1990, a fazer parte dos lugares frequentados pelo público de práticas homossexuais, também voltados ao mercado pornográfico, mas com infraestruturas mais complexas e diversos atrativos, como funcionamento 24 horas, cabines, bares internos, lojas de adereços sexuais (*sex shops*) e até meia-entrada para estudantes, dentre eles: Cine Roma, na Av. São João; Cine República, na Av. Ipiranga; Cine Studio, na Rua Aurora; e Cine Zen (TRINDADE, 2004).

Também surgiram nesse período grandes eventos artísticos e musicais voltados ao então público LGBT, como o Mercado Mundo Mix e Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual (atual Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade), que ainda acontecem anualmente como um dos maiores eventos desse tipo na América Latina (STEFFEN, 2017). Outros eventos conseguiram ocupar o espaço público, como a Parada da Paz, ou Parada do Amor, de 1997, que teve apoio de entidades públicas e privadas nacionais e internacionais, e a Parada do Orgulho *Gay*, no mesmo ano (PARADA..., 2002). A primeira edição da Parada do Orgulho *Gay*, hoje Parada do Orgulho LGBT, aconteceu no formato de passeata em percurso entre as escadarias do Edifício Gazeta, na Av. Paulista, até a Praça Franklin Roosevelt, pretendendo-se uma manifestação em prol dos direitos civis e visibilidade das identidades LGBT, que atraiu centenas de pessoas e enfrentou resistência policial no início do trajeto. Ainda acontece anualmente como uma das maiores do mundo e é parte do calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo, atraindo milhões de participantes (COMO..., 2020).

14. Quartos escuros, em livre tradução, são cômodos dentro das boates que propiciam encontros íntimos ou sexuais devido a seu ambiente de pouca iluminação e maior comodidade, podendo ter exibição de filmes pornográficos.

8 DÉCADA DE 2000 – CONQUISTAS E OPORTUNIDADES

O conceito de GLS, como público consumidor ainda não explorado, impulsionou a criação de um mercado imobiliário e de consumo direcionado a eles, mas com foco nos homossexuais brancos cisgêneros de maior poder aquisitivo. Os estabelecimentos comerciais já presentes nas áreas conhecidas por agregarem esse tipo de usuário, mas que não eram direcionados a eles, passaram a incentivar sua presença pela associação com o termo “simpatizante”, principalmente na área central da cidade, zonas oeste e central. Portanto, consolidou-se um maior número de lugares de sociabilidade na região dos Jardins (distritos de Pinheiros e Jardim Paulista), zona oeste, conhecida por ter um custo de vida elevado. Ao mesmo tempo, a região do Baixo Augusta, que compreende a Praça Franklin Roosevelt, Rua Augusta e ruas adjacentes, zona central, voltou a ser foco dessa sociabilidade, mesmo que em estabelecimentos destinados ao público geral, demonstrando retomada do interesse nessa área reconhecida por sua histórica vida noturna de público diversificado. Parte dessa retomada também foi impulsionada, como mencionado, pelo mercado imobiliário, que se aproveitou da desvalorização de territórios da zona central e seu consequente baixo preço de compra aliado a estratégias de *marketing* voltadas à exploração dessas regiões como pontos principais e consolidados da sociabilidade GLS. Locais esses que também são pontos de fácil acesso e estão cercados de infraestruturas e possibilidades de consumo em relação às dinâmicas da escala municipal (CYMBALISTA, 2019; FRANÇA, 2007; PUCCINELLI, 2017).

Foi justamente essa movimentação mercadológica que afastou parte dos estabelecimentos antigos da região devido ao encarecimento do custo de funcionamento para serviços e comércios em função da valorização do terreno, minando parte da sociabilidade já estabelecida. Ou seja, frequentadores de menor poder aquisitivo foram afastados, gerando um processo de gentrificação aguçado por novos estabelecimentos que se mudaram para a região pelo baixo custo inicial, mas que mantiveram os preços de consumo voltados a um público de maior poder aquisitivo. Essa gentrificação ainda acontece devido à proposta de transformação do Elevado Presidente João Goulart (o Minhocão) em um parque (PUCCINELLI, 2017; REDE PAULISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 2019) (figuras 7 e 8).

Na virada do século XX para o XXI, a popularização da *internet* facilitou a circulação de informações sobre esses pontos de sociabilidade para além das poucas informações em mídias convencionais, conseguindo atrair mais frequentadores, ao mesmo tempo que possibilitou uma ampliação das discussões sobre identidade pessoal e experiências de vida, levando à consolidação do conceito LGBT (antes GLBT). Sigla que ainda se expande no intuito de agregar cada vez mais identidades heterogêneas e fracionadas que não se encaixam na *allo* cis-heteronormatividade¹⁵, levando ao cunho da sigla LGBTQIAP+, como descrita anteriormente.

9 DÉCADA DE 2010 – (RE)AFIRMAÇÃO

No início da década de 2010, a sociabilidade LGBTQIAP+ seguiu se desenvolvendo, em geral, nos mesmos estabelecimentos e áreas públicas da década anterior¹⁶: na zona central, seis estabelecimentos no distrito da Bela Vista; 11 na Consolação, 18 na República e dois em Santa Cecília; na zona oeste, dois na Barra Funda, três no Jardim Paulista; na zona sul, três no Itaim Bibi e na zona leste, um em Itaquerá e um em São Mateus (A VOLTA..., 2012; TRINDADE, 2004).

A ocupação LGBTQIAP+ do largo do Arouche ainda configura um dos pontos mais importantes da sociabilidade desse público, tanto na área aberta do largo, quanto nos estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno que o cercam, delimitados pelas avenidas Ipiranga, São João e Duque de Caxias, ruas Vieira de Carvalho, Bento Freitas, Rego Freitas, Aurora e da Consolação e Elevado Presidente João Goulart. A sociabilidade se desenvolveu e se consolidou em um ambiente não exclusivo à ocupação LGBTQIAP+, mas que contou com sua ampla presença desde a primeira metade do século

15. Em que se considera não apenas validação e incentivo apenas dos padrões comportamentais associados a expressão e identidade de gênero congruentes ao gênero designado no momento do nascimento dentro do binário masculino-feminino e à heterossexualidade, mas também a imposição de que todo indivíduo deve ter interesses sexuais e românticos para com outros indivíduos.

16. Vegas Club, Bar do Netão, Dex Bar, Sonique, The Society, Espeto de Bambu, Astronete Bar, Dona Teresa, Picasso Bar, Nostro Mondo, A Lôca, Hot Hot, Planet G, Clube Caravaggio, Ursound, Paradise For Men, Espaço Caê, Bar Queen, Freedom, Cantho, Sem Loção, Soda Pop Bar, Caneca de Prata, ABC Bailão, Tunnel do Tempo, Clube Gloria, Yatch Club, Madame, Bofetada Club, Blue Space, Goumet, Bubu Lounge, Dynamite Pub, Estúdio Emme, Farol Madalena, Flex Club, D-Edge, The Week, SoGo, BASE, Level, Vermont (unidades República e Itaim Bibi), Vermont Bear/Café Vermont, Nova Vieira, Lord Byron Pub Bar, Lov.e, A Torre, Danger Dance Club, Salvation, Susi in Transe, praça da República e largo do Arouche (Figuras 7 e 8). (A VOLTA..., 2012; TRINDADE, 2004)

XX, e que, mesmo frente a hostilidades ocasionadas justamente pela grande diversidade de frequentadores, conseguiu, e ainda consegue, incentivar um espaço em que o reconhecimento entre pares garante a autopreservação do grupo (REDE PAULISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 2019).

Figura 7

Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas décadas de 2000 e 2010 na cidade de São Paulo – alguns nomes foram ocultados para clareza de leitura. Fonte: elaborado pelas autoras sobre foto aérea de Google Earth (2023).

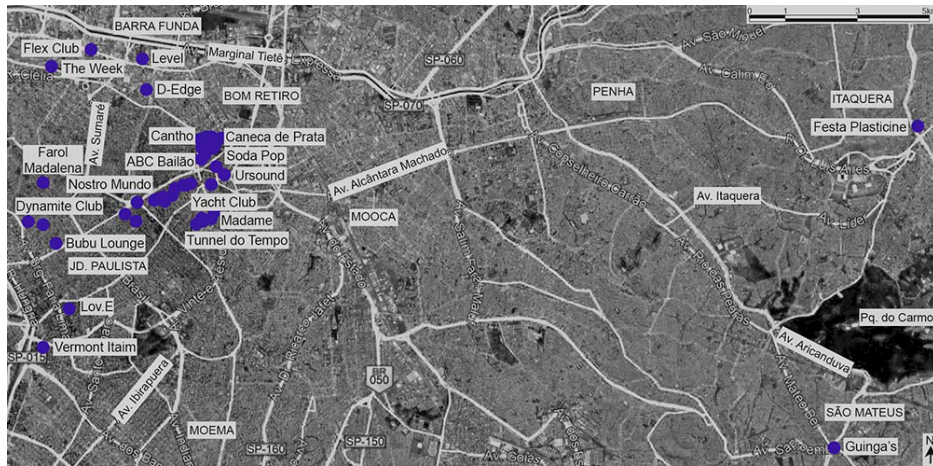
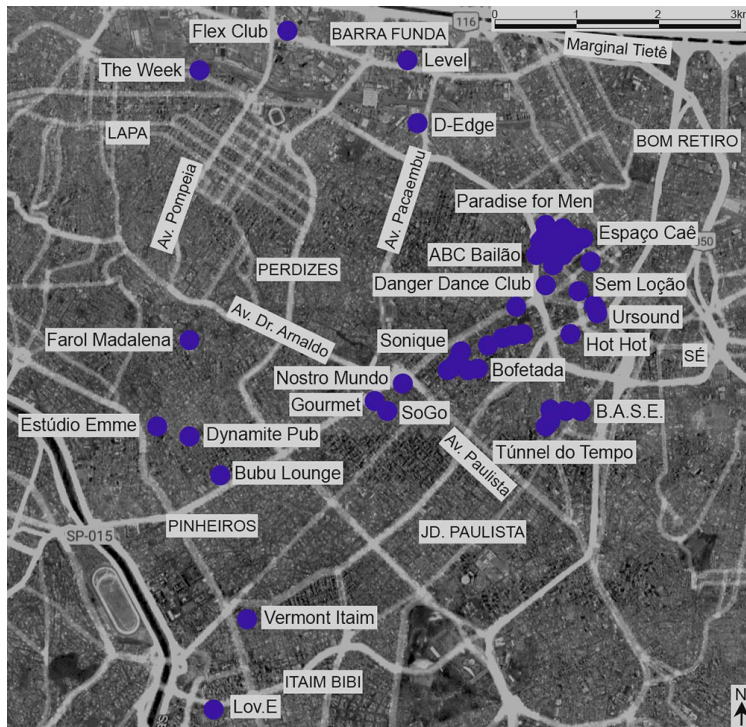


Figura 8

Ampliação da Figura 7, no sentido oeste, demonstrando a concentração de lugares nas áreas centrais da cidade – alguns nomes foram ocultados para clareza de leitura. Fonte: elaborado pelas autoras sobre foto aérea de Google Earth (2023).



Como em décadas anteriores, verificam-se, também, ainda que sempre rarefeitos, pontos de sociabilidade nas áreas periféricas da cidade, dessa vez, na zona leste. O Guinga's Bar & Karaokê, no distrito de Itaquera, foi inaugurado por volta de 2007, voltado às identidades LGBTQIAP+. Atraindo esse tipo de público não apenas de lugares próximos, mas de outras partes da área metropolitana, tornou-se um marco da região e ainda está em funcionamento. A festa periódica Plasticine Party aconteceu no atual Luar Rock Bar, no distrito de São Mateus, estabelecimento não voltado a tal público, mas que o atraiu, vindo também de toda área metropolitana, durante o período da festa (KOBAYASHI, 2013).

10 MANCHAS, PEDAÇOS E SUAS SOCIABILIDADES

Segundo as categorias de análise socioterritorial do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP) (MAGNANI, 1992; 1998), a ocupação LGBTQIAP+ nas áreas centrais da cidade de São Paulo pode categorizar-se como uma “mancha”, justamente por se desenvolver em um território de fácil acesso e reconhecido na paisagem urbana, sendo ocupado por outros usuários muito heterogêneos (FRANÇA, 2006), condição que promove tanto conflitos quanto possibilidade de conexão com seus pares. Essa “mancha” de sociabilidade LGBTQIAP+ fica clara na concentração perene de lugares de interesse nas zonas central e oeste da cidade. Podem-se considerar alguns dos limites dessa “mancha”, como a Rua Augusta e o Largo do Arouche, evidenciando uma associação entre a identidade dos seus frequentadores e a própria identidade urbana no imaginário coletivo. As apropriações dessas áreas públicas as tornam lugares de conexão interpessoal para práticas e expressões, geralmente, não possíveis em meio à repressão do núcleo familiar. Com o tempo, as “manchas”, seus limites e marcos urbanos adquiriram significado de resistência e reafirmação da participação dessas identidades, antes silenciadas nas dinâmicas urbanas, principalmente no caso do largo do Arouche, ainda um dos mais importantes pontos de referência da sociabilidade LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo.

É possível dizer que, dentro dessa “mancha” da área central da cidade, há “pedaços” estimulados pela recorrência ou permanência de práticas de sociabilidade em pontos específicos, como o emblemático largo do Arouche e a praça da República, em que os usuários não se conhecem, mas se reconhecem como LGBTQIAP+ por meio de uma série de signos comportamentais e

visuais compartilhados. A frequência assídua em estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno é igualmente capaz de criar “pedaços”, como no caso do Ferro’s Bar, da HS, Nostro Mondo ou Blue Space, por exemplo. Saber identificar o tipo de público “entendido” e que tipo de atividades ali ocorrem é “ser do pedaço”, é reconhecer signos de outros usuários como praticantes das mesmas experiências, bem como se reconhecer, assim, em sua identidade individual e coletiva. Fazer parte da “mancha” ou do “pedaço” contribui, de distintas formas, para alimentar os sentidos de pertença (Figuras 9 e 10).

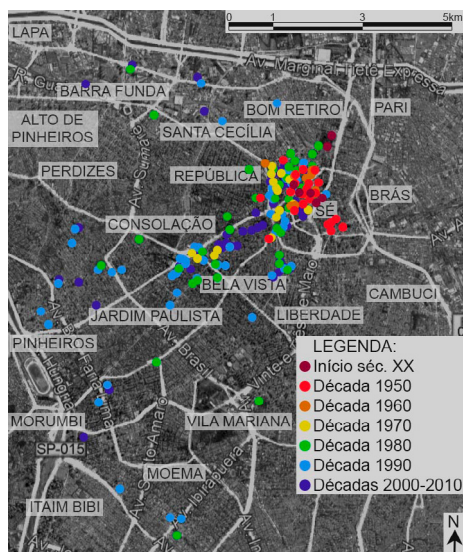
Figura 9

Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ entre o início do século XX e o final da década de 2010 na cidade de São Paulo. Fonte: elaborado pelas autoras sobre foto aérea de Google Earth (2023).



Figura 10

Ampliação da Figura 9, no sentido oeste, mostrando a concentração de lugares nas áreas centrais da cidade. Fonte: elaborado pelas autoras sobre foto aérea de Google Earth (2023).



11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades LGBTQIAP+ desenvolvem sua sociabilidade na cidade de São Paulo em territórios bem delimitados e de ocupação recorrente, especialmente nos distritos da República e Consolação, na zona central, devido à sua constante presença nas áreas públicas e em estabelecimentos de consumo e entretenimento noturno, voltados exclusivamente ou não a esse público, algo incentivado pela facilidade de acesso e possibilidade de consumo em condições acessíveis. Ainda assim, houve nas últimas décadas um espraiamento desse público no sentido sudoeste da cidade, principalmente ao longo das ruas Augusta e da Consolação, no distrito da Consolação, movimentação ligada a estratégias mercadológicas de atração de consumidores LGBTQIAP+ oriundos dos distritos de Pinheiros, Jardim Paulista (Jardins), Moema e Itaim Bibi. Um público de maior poder aquisitivo que o da zona central, como o da República, aproveitando-se do reconhecimento desses lugares como pontos de sociabilidade consolidados.

Um movimento similar aconteceu no sentido noroeste da cidade, principalmente nos distritos de Barra Funda, Santa Cecília e Bom Retiro, impulsionado pelo baixo custo de compra de propriedades em locais conhecidos e de fácil acesso. Destaca-se a quase inexistência desse tipo de ocupação nas áreas periféricas da cidade, zonas norte, leste e sul, ainda que tenha começado a surgir pontualmente, por volta da década de 1990, ampliando a escala de ocupação municipal. Porém, apesar da maior visibilidade e aceitação de temas LGBTQIAP+ nas discussões e dinâmicas sociais, ainda se observa grande concentração de seus lugares de sociabilidade nas regiões centrais, mostrando o quanto a sua presença e livre expressão continuam confinadas a regiões específicas da cidade.

Finalmente, a maior aceitação social de pessoas que se identificam com a sigla LGBTQIAP+, o debate aberto sobre a temática, tanto nos ambientes universitários como na sociedade em geral, e uma maior participação em eventos relacionados a esse público, associados a uma diminuição das ações punitivas (que, contudo, não desapareceram), confirmam o que os mapas apresentados evidenciam. Isto é, que as áreas mais consolidadas e ricas da cidade admitem hoje, com maior facilidade, o desenvolvimento de atividades LGBTQIAP+, tanto no espaço público quanto nos estabelecimentos destinados especialmente para esse público, ou, ainda, naqueles que,

não tendo essa destinação exclusiva, se abrem de forma “amigável” ao compartilhamento do espaço. O impacto do poder aquisitivo, assim como a visibilidade de personalidades que hoje se assumem nas condições LGBTQIAP+, é também evidente na territorialização do fenômeno, que, como vimos, parte do Centro em direção ao setor sudoeste.

REFERÊNCIAS

AKAMINE, Alexandre. Galeria Metrópole. *Outros: laboratório para outros urbanismos* – FAUUSP, s.d. Disponível em: <http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/galeria-metropole/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

A VOLTA da Pauliceia Desvairada. *Documentário*. Direção de Lufe Steffen. São Paulo, distribuição própria, 2012. 95 min. Vídeo.

ANTUNES, Maria Cristina. *Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo*. 2007. 152 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

BARROS, Carlos Juliano; LOPES, Laura. A Boca do Lixo ainda respira. *Repórter Brasil*, 15 jun. 2004. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2004/06/a-boca-do-lixo-ainda-respira/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de; SCHILLING, Flávia. Fronteiras da sexualidade, fronteiras do consumo: sobre jovens homossexuais do subúrbio de São Paulo. In: FAZENDO GÊNERO: diásporas, diversidades, deslocamentos, 9, 2010, Santa Catarina. *Anais eletrônicos*. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278298194_ARQUIVO_FronteirasdaSexualidade.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO “RUBENS PAIVA”. Ditadura e homossexualidades: iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. *Relatório*, Tomo I – Recomendações Gerais e Recomendações Temáticas, Parte II: Grupos Sociais e Movimentos Perseguidos ou Atingidos pela ditadura. São Paulo, 2015. 25 p.

COMO aconteceu a 1ª parada LGBT de São Paulo em 1997? *Põe na Roda*. Vídeo. Produção *Põe na Roda*. 2020, 18:58 min., son., color. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=bwFpNizqdYg>. Acesso em: 21 jul. 2023.

CYMBALISTA, Renato (Org.). *Guia dos lugares difíceis de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2019. 216 p.

DOMINGUES, Inan Alves. *Indivíduos anormais, de comportamento desviante: corpos de gênero e sexualidades dissidentes sob a mira do discurso médio legal (1930-1940)*. 2021. 73 p. Monografia (Bacharelado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, SP.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 99-144, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kJQKf6Hsr7MpyGXXjcZmyGv/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FRACCAROLI, Yuri. “Era um olhar e pronto”: Memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo. 2019. 318 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. 2006. 257 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 227-255, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/11.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

GARCIA, Roosevelt. 18 cinemas antigos do centro de São Paulo. *Veja São Paulo Memória*, São Paulo, 5 out, 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/18-cinemas-antigos-do-centro-de-sao-paulo>. Acesso em: 21 jul. 2023.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KOBAYASHI, Maíra. Do lado de lá: um estudo etnográfico sobre as homossociabilidades que se constituem nas periferias da cidade de São Paulo. *Primeiros Estudos*, São Paulo, n. 4, p. 112-122, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/56730/59873>. Acesso em: 21 jul. 2023.

LORENZO, Irene. The Stonewall uprising: 50 years of LGBT history. *Stonewall UK*, 21 jun. 2019. Disponível em: <https://www.stonewall.org.uk/about-us/news/stonewall-uprising-50-years-lgbt-history>. Acesso em: 21 jul. 2023.

MADAME Satã. *In: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS*. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao2998/madame-sata>. Acesso em: 21 jul. 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. *In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINHO, Miriam. Memória lesbiana: há 40 anos surgia o Grupo Lésbico Feminista, o primeiro coletivo de ativistas lésbicas do Brasil. *Um Outro Olhar*, 15 maio 2019. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2019/05/ha-40-anos-surgia-o-grupo-lesbico-feminista.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

PARADA da paz 2002 reúne DJs em São Paulo no domingo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 nov. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult9ou28587.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2023.

PERILO, Marcelo. “Rolês”, “closes” e “xaxos”: uma etnografia sobre juventude (homo)sexualidades e cidades. 2017. 143p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.

PERLONGHER, Néstor O. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*: Brasiliense, 1987.

PUCCINELLI, Bruno. “Perfeito pra você, no centro de São Paulo”: mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. 2017. 196p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.

QUINTERO, Bruna. *Presenças das identidades LGBTQIAP+*. Lugares de sociabilidade na cidade de São Paulo. 2022. 225 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP.

REDE PAULISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (REPEP). *Dossiê do Inventário Participativo Minhocão Contra Gentrificação*. 2019. Grupo de Trabalho Baixo Centro da Rede Paulista de Educação Patrimonial, São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Naia. Especialista refletem sobre como a heteronormatividade compromete as relações. *Portal Geledes*, [S.I.], 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/especialistas-refletem-sobre-como-a-heteronormatividade-compromete-as-relacoes/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SÃO PAULO em hi-fi. Direção de Lufe Steffen. São Paulo: distribuição própria, 2013. 101 min.

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO (SMDU). *GeoSampa*. Portal digital de geração de mapas da cidade de São Paulo. Disponível em: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 21 jul. 2023

SILVA, José Fábio Barbosa da. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Revista Sociologia*, São Paulo, v. 21, n.4, p. 350-360, 1959. Disponível em: <https://library.brown.edu/create/beyondcarnival/wp-content/uploads/sites/40/2014/05/Aspectos-sociologicos-do-homossexualismo-em-SP.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

STEFFEN, Lufe. Do footing aos afters: vem com a gente fazer uma viagem pela cena noturna LGBT de São Paulo nos últimos 100 anos. *Music Non Stop*, 6 jun. 2017. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

TRINDADE, Ronaldo. *De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX*. 2004. 249 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

VERGILI, Guilherme E.; BRASIL, Felipe G.; CAPELLA, Ana Cláudia N. Institucionalização e descentralização do movimento LGBT no Brasil. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 15, n. 34, p. 563-585, set./dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X20150003000008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2023.

